

Editorial

Claudio Paixão Anastácio de Paula

**Escola de Ciência da Informação
Universidade Federal de Minas Gerais
claudiopap@hotmail.com**

Eliane Pawlowski Oliveira Araújo

**Escola de Ciência da Informação
Universidade Federal de Minas Gerais
elianepaw@yahoo.com.br**

Nas discussões epistemológicas sobre a Ciência da Informação (CI) é possível verificar a evolução de sua perspectiva interdisciplinar desde seu nascedouro, na década de 1960, cuja interface se deu de forma prioritária com a matemática, a lógica, a linguística, a psicologia, a computação, a comunicação e a biblioteconomia. O desenvolvimento do campo em função do próprio desenvolvimento da sociedade, da qual a CI é reflexo visto ser uma ciência social, ampliou o escopo das disciplinas que entrelaçam a informação – objeto de estudo desta ciência – com campos distintos e diferenciados que vão desde a filosofia até a inteligência artificial.

Várias pesquisas têm possibilitado confirmar essa vocação interdisciplinar. Em especial, os estudos desenvolvidos na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), no Brasil, tem buscado uma maior amplitude neste campo ao procurar inserir o Imaginário em suas pesquisas como objeto sobre o qual se aplica uma hermenêutica com vista a compreender os comportamentos e práticas informacionais dos sujeitos.

Os estudos iniciais utilizando a dimensão simbólica e afetiva na Ciência da Informação foram desenvolvidos em 2005 a partir de bases teóricas desenhadas em 1999 e, desde aquela data, pesquisas tem sido realizadas visando a solidificação do binômio informação-imaginário. Esta vertente de pesquisas pressupõe a análise do fenômeno informacional sob uma dimensão simbólica consolidando o entrelaçamento da Psicologia e Antropologia com a CI, não em nível de colaboração, mas mirando e consolidando a criação de uma unidade de conhecimento numa perspectiva integralizadora que contemple as dimensões social, histórica, cultural e

psíquica e englobando os aspectos cognitivos, afetivos e perceptivos, tanto conscientes quanto inconscientes.

À medida que as pesquisas foram consolidando uma base teórica sobre informação e imaginário e que a repercussão desses trabalhos encontrou aporte teórico em estudos desenvolvidos por pesquisadores em universidades portuguesas houve a necessidade de se criar uma estrutura formal e registrar de forma unificada o desenvolvimento dos estudos e de sua base teórica e metodológica. Assim, em janeiro de 2017, foi criado o Gabinete de Estudos da Informação e do Imaginário (GEDII), grupo de pesquisa registrado no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) - <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/3022296834260274>.

A designação Gabinete dada ao grupo busca transcender a noção de um mero laboratório (na acepção positivista) para ampliar a noção de um espaço de trabalho que evocasse todo o imaginário que circundava os ancestrais dos museus, das coleções científicas e dos laboratórios de hoje com suas *animalia*, *vegetalia* e *mineralia* a que se juntavam outras coleções: a *mirabilia*, a *scientifica* e a *artificialia*. Um lugar para se reunir e ordenar imaginativamente o científico, o natural, o exótico e os objetos e os materiais criados ou modificados pelo engenho humano. Um trabalho ao mesmo tempo interno e externo onde as operações metodológico-científicas busquem não somente transmutações no conhecimento, mas também um “fazer alma”.

Este número especial da Revista Prisma busca reunir as pesquisas e reflexões desenvolvidas na última década neste novo campo interdisciplinar. Em termos práticos, são apresentados aqui trabalhos que dialogam entre si de muitas maneiras.

Araújo e Araújo, por exemplo, se dedicam a explorar as semelhanças entre a informação e o imaginário tratando-os a partir do esforço humano para a significação do mundo. Paula, por sua vez, trata das semelhanças entre a abordagem que conduz a maioria dos trabalhos nesta publicação (a Abordagem Clínica da Informação - ACI) e o Paradigma Indiciário. Para isso, o autor destaca a abertura que o diálogo entre estas perspectivas oferece para a investigação do imaginário como fonte de indícios da ação do inconsciente sobre os fenômenos informacionais. Esse exercício de reunir evidências como tônica do trabalho da ACI é

explorado por Paula e Araújo através de uma leitura panorâmica dos estudos desenvolvidos na área até o presente momento.

A multiplicidade intrínseca a esse panorama é representada por cinco pesquisadores: por Araújo, quando esta investiga o imaginário subjacente ao processo de tomada de decisão inerente a atividade de análise de assunto em uma biblioteca universitária; por Queiroz, quando suas reflexões oferecem indicações de que o imaginário pode ser a base para o estabelecimento de vínculos capazes de sustentar a manutenção da conexão dos egressos com as suas instituições de ensino de origem; por Sá quando esta analisa os elementos simbólico-afetivos envolvidos no compartilhamento do conhecimento entre docentes e discentes de um programa de pós-graduação *stricto sensu* de uma universidade brasileira durante as orientações acadêmicas; por Antunes que investiga o imaginário, a afetividade e as percepções de nativos digitais que refletem sobre as semelhanças e diferenças entre a biblioteca e o buscador Google; e, finalmente, por Pedrosa quando esta investiga a interferência da subjetividade, e do imaginário a ela subjacente, na tomada de decisão diante dos desafios da gestão de bibliotecas de uma universidade federal.

Se junta a esse grupo de estudos o artigo de Rocha e Paula. Fundamentado em dados de uma pesquisa ainda em andamento, esse trabalho explora a utilização do monomito da jornada do herói como uma metáfora conceitual para analisar a narrativa que um pesquisador faz da sua formação dentro de um grupo de pesquisa, da sua trajetória e do desenvolvimento de sua carreira. Ao analisar como o imaginário que permeia a visão que ele faz desse processo o auxiliou a ser reconhecido como o líder e mentor desse grupo, a autora aponta indícios que sugerem que foi essa vinculação pela via do imaginário que auxiliou esse grupo na sua conversão em um espaço de referência na produção de conhecimento.

A proposta desta edição é apresentar as pesquisas realizadas que se inspiram na ideia de que os Gabinetes são lugares destinados com exclusividade ao trabalho, mas não a um trabalho ordinário. “São locais destinados a grandes empreitadas, lugares onde grandes temas são debatidos, futuros e destinos são traçados, mas onde por debaixo dos assentos está perenemente escrita a advertência de que a fortuna muda sempre de direção: *Hecubam Reginam.*”¹

¹ Conforme descrição disponível em <http://gedii.eci.ufmg.br/por-que-gabinete-e-nao-um-laboratorio/>

Espera-se que essa forma de abordar a informação sob a via do imaginário (com toda a riqueza dos símbolos, seus afetos e seu *mythos*) encontre eco e inspire novos argonautas e novas pesquisas.